

A questão do terrorismo na Federação Russa durante o governo Putin: as interpretações e interesses de Moscou no combate ao problema

The question of terrorism in the Russian Federation during the administration Putin: the interpretations and interests of moscow in combating the problem

Valdir da Silva Bezerra*

Resumo

Este artigo abordará a questão do terrorismo na Federação Russa, analisando, num primeiro momento, as consequências e interpretações por parte de Moscou quanto aos ataques terroristas em âmbito doméstico envolvendo militantes separatistas tchecos a partir de finais da década de 1990 e começo dos anos 2000. Em seguida, no âmbito regional, discorre-se sobre as tentativas de coordenação por parte da Rússia e dos Estados centro-asiáticos no combate ao terrorismo internacional, sobretudo através da Organização do Tratado de Segurança Coletiva e da Organização de Cooperação de Shanghai, e que outros ganhos poderiam advir destas iniciativas multilaterais regionais. Por fim, a intervenção russa no conflito sírio (sob a alegação de combate ao terrorismo naquele país) torna-se tema de nosso escrutínio, avaliando-se quais interesses (geopolíticos e domésticos) estariam por trás da atuação de Moscou no Oriente Médio.

Palavras Chave: Federação Russa. Terrorismo Internacional. Vladimir Putin. Ásia Central. Oriente Médio.

Abstract

This article will address the issue of terrorism in the Russian Federation, analyzing, at first glance, the consequences and interpretations by Moscow of domestic terrorist attacks involving Chechen separatist militants from the late 1990s and early 2000s. Subsequently, at the regional level, we will discuss the attempts made by Russia and by the Central Asian states to coordinate their efforts on the fight against international terrorism, in particular through the Collective Security Treaty Organization and the Shanghai Cooperation Organization, as well as what other gains could these multilateral initiatives provide. Finally, Russia's intervention in the Syrian conflict (under the allegation of fighting terrorism in that country) becomes the subject of our scrutiny, while assessing which interests (geopolitical and domestic) could be behind the actions of Moscow in the Middle East

Key Words: Russian Federation. International Terrorism. Vladimir Putin. Central Asia. Middle East.

* Graduado em Relações Internacionais pelas Faculdades Integradas Rio Branco (São Paulo). Mestrando em Relações Internacionais na qualidade de bolsista pela Universidade Estatal de São Petersburgo (Rússia). Membro do Núcleo de Pesquisas em Relações Internacionais da USP em assuntos relacionados à Ásia (NUPRI-GEASIA). E-mail: sb1.valdir@gmail.com.

Introdução

Conforme recomenda o Plano de Ação para a Prevenção do Extremismo Violento, dentro da Estratégia de Contraterrorismo Global da Organização das Nações Unidas (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015, p.2), a definição de terrorismo deve ficar a cargo dos Estados, devendo, somente, respeitar suas obrigações para com os ditames e princípios do Direito Internacional. Tal liberdade pode ser problemática, uma vez que a falta de consenso advinda de concepções diversas a respeito de um mesmo tema, como é o caso do terrorismo internacional, torna mais complexa a coordenação dos Estados na luta contra este fenômeno que preocupa a todos. Hoffman (1998), por exemplo, argumenta que praticamente qualquer ato abominável de violência dirigido contra uma determinada sociedade - quer envolva dissidentes políticos, atores governamentais, crime organizado, militantes radicais ou indivíduos psicóticos - é muitas vezes rotulado de terrorismo, conferindo uma exagerada abrangência ao termo.

Em sua própria definição, o terrorismo representa a criação e exploração deliberada do medo através da - ou ameaça de - violência, com o fito de alcançar uma mudança política (HOFFMAN, 1998). A Lei Brasileira nº13.260 de 2016, por exemplo, caracteriza terrorismo como a prática, por um ou mais indivíduos, de ato cometido com a finalidade de provocar terror social ou generalizado, por razões de xenofobia, discriminação ou preconceito (seja ele de raça, cor, etnia ou religião), expondo a perigo pessoa ou patrimônio, bem como a paz e a incolumidade públicas.

Já para a Federação Russa, de acordo com Lei Federal Nº 35 (2006, Art.3.1), o terrorismo é caracterizado como o uso ilegal da violência destinado a influenciar órgãos do governo, autoridades locais ou organizações internacionais em sua tomada de decisão, por meio de intimidação da população. Esta última, por sua vez, é alvo frequente de atentados terroristas caracterizados por Visacro (2009, p. 290) como “indiscriminados”, a saber, envolvendo a execução do maior número possível de civis (não-combatentes), como forma de chocar a opinião pública e chamar a atenção da mídia para as demandas dos executores de tais ataques. Desde a década de 1990, a Rússia é vítima de diversos ataques desta natureza, atingindo inclusive suas duas maiores cidades, Moscou e São Petersburgo. Ao analisarmos um breve histórico recente relativo aos principais ataques terroristas vitimando

cidadãos russos, poderemos entender melhor a escala do problema.

Em finais de 1999, ataques terroristas culminaram na explosão de diversos apartamentos residenciais em um subúrbio de Moscou, matando 208 pessoas e deixando pelo menos 180 feridos; suspeita-se que rebeldes tchetchenos foram os responsáveis pelos ataques (GLOBAL TERRORISM DATABASE, 2017)¹. Em 2002, um grupo de sequestradores invadiram o teatro Dubrovka (em Moscou) antes da apresentação de um espetáculo musical, fazendo 912 reféns. Passados três dias do sequestro por parte dos rebeldes tchetchenos, uma operação-relâmpago de resgate (envolvendo as Forças Especiais russas) invadiram o local, após ventilarem um gás de efeito tóxico não-identificado pela tubulação de ar; a operação obteve um controverso sucesso, uma vez que além dos 40 sequestradores, outros 130 reféns acabaram morrendo (GLOBAL TERRORISM DATABASE, 2017).

Dois anos depois, em setembro de 2004, um novo grupo de aproximadamente 35 rebeldes tchetchenos invadiram uma escola primária em Beslan, situada ao norte do Cáucaso, mantendo cerca de 1200 reféns, entre professores, alunos e parentes; como resultado do sequestro, mesmo após operações de cerco e resgate tentadas pelas forças russas, mais de 340 pessoas foram mortas - dentre elas 186 crianças - e 700 pessoas acabaram feridas (GLOBAL TERRORISM DATABASE, 2017). Ainda em 2004, um mês antes do atentado em Beslan, dois voos comerciais de passageiros sofreram um ataque terrorista perpetrado (segundo suspeitas) por mulheres-bomba, provocando a morte de 90 pessoas; o grupo terrorista islâmico baseado no Paquistão Islambouli Brigades of al-Qaeda reclamou a responsabilidade pelos incidentes (GLOBAL TERRORISM DATABASE, 2017).

Já em finais de 2009 e começo de 2010, uma série de atentados terroristas envolvendo a detonação de explosivos em trens de Moscou mataria cerca de 66 mortos e ocasionando ferimentos a outras 200; o grupo Caucasus Emirate, organização nacionalista sunita formada em 2007 com base na região do Cáucaso, reclamou a autoria dos ataques, cujo motivo seriam as mortes injustificadas de muçulmanos ao redor do mundo (GLOBAL TERRORISM DATABASE, 2017). O mesmo grupo continuaria a executar ataques terroristas em Moscou e Volgogrado (antiga Stalingrado) nos anos seguintes. Em 2011, um atentado suicida praticado por um de seus membros na área de desembarque do aeroporto Demodedovo (em

1. Os dados e informações a seguir foram retirados do Global Terrorism Database, banco de dados sobre terrorismo internacional elaborado pela Universidade de Maryland (EUA).

Moscou) causou a morte de 37 pessoas, deixando outras 168 feridas; já no final de 2013, em Volgogrado, dois atentados suicidas em transporte público vitimaram 38 pessoas e causando ferimentos a outras 63 (GLOBAL TERRORISM DATABASE, 2017).²

Mais recentemente, em outubro de 2015, um voo comercial de passageiros operado pela companhia russa Metrojet, tendo partido do aeroporto internacional Sharm El Sheikh (no Egito), sofreu uma explosão enquanto sobrevoava a região do Sinai, causando a morte de todos os tripulantes, mais de 200 pessoas. O incidente foi posteriormente reivindicado pelo Estado Islâmico (EI), cuja motivação consistiria na retaliação às ações russas no auxílio ao regime de Bashar Al-Assad na Síria, bem como ao bombardeio de posições defendidas pelos terroristas na região.

Seja em seu aspecto doméstico, regional ou internacional, o terrorismo é uma questão com a qual a Federação Russa tem procurado lidar de diferentes modos, sobretudo a partir de finais da década de 1990, quando o país passa a ser vítima de sucessivos ataques, cada um dos quais causando a morte de dezenas de civis. Entretanto, mais do que proteger os seus cidadãos de possíveis atentados, outros interesses parecem estar em jogo quanto aos esforços de Moscou no combate ao terrorismo. Tais interesses abrangem, no plano doméstico, a defesa da soberania e integridade territorial russa contra uma suposta tentativa por parte de potências estrangeiras de desestabilizar a situação política no país; no plano regional, envolvem a manutenção e defesa da estabilidade política a governos pró-Moscou na Ásia Central, assim como o bloqueio à operação de potências “externas” na região; por fim, no Oriente Médio, estes interesses relacionam-se com aspectos geoestratégicos específicos, assim como à autoimagem que a Rússia projeta para dentro de seu país e no exterior, em busca de recuperar parte de seu prestígio internacional, perdido durante os anos 1990.

Significados do terrorismo doméstico para a Rússia no contexto da II campanha tchetchena

Após o final da Guerra Fria, o enfoque nas questões de segurança internacional sofreria grandes mudanças. No começo dos anos 1990, o novo cenário que se apresenta para a Rússia, em espe-

2. Dois meses antes, uma mulher já havia se explodido num ônibus municipal, matando sete civis e ferindo ao menos outros quarenta.

cial, parece sugerir que a possibilidade de um enfrentamento com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) **é implausível**, fazendo com que a atenção de Moscou (pós-dissolução da União Soviética) se dirija para novas ameaças locais e regionais (KLEIN, 2009, p.9). Em função justamente de seu potencial desestabilizador em Estados e regiões e com a possibilidade de um enfrentamento militar com a OTAN virtualmente descartada, o combate ao terrorismo internacional afigurava-se como a mais fundamental tarefa da política externa russa, segundo o Conceito de Política Externa (CPE, 2000, II) da Federação Russa.

Já para o Conceito de Segurança Nacional (CSN, 2000, II) da Federação Russa o terrorismo seria uma das consequências do extremismo (religioso, político ou étnico-separatista), representando uma ameaça ao indivíduo, à sociedade e ao próprio Estado. No entendimento de Moscou, o crescimento do terrorismo nos últimos anos, tanto em escala quanto em recursos, tem como uma de suas causas a exacerbação das disputas de poder entre grupos de inclinação étnico-nacionalista (CSN, 2000, III).

O combate ao terrorismo internacional, portanto, já era enfatizado por Moscou antes mesmo dos ataques às Torres Gêmeas (nos EUA) em setembro de 2001, devido à complicada situação envolvendo a região norte do Cáucaso, onde grupos separatistas radicais buscavam autonomia frente ao governo central desde a década de 1990 (GONZÁLEZ, 2013, p.15). Estes grupos seriam os principais suspeitos por atentados terroristas ocorridos na Rússia durante as últimas décadas. Conforme observam Rothwell e Oliphant:

A maioria dos ataques terroristas islâmicos na Rússia foi realizada por pessoas das repúblicas do Cáucaso do Norte, onde uma insurgência tem reverberado desde as guerras tchetchenas das décadas de 1990 e 2000 (ROTHWELL; OLIPHANT, 2017, tradução nossa).³

A I Campanha Tchetchena (1994-1996), envolvendo o embate entre forças militares russas e grupos rebeldes separatistas estouraria ainda em 1994 durante os primeiros anos do governo de Boris Yeltsin (1991-1999) e seria uma das diversas marcas negativas da conturbada década de 1990 para o país. A partir dos anos 2000, tais grupos seriam novamente combatidos pelas forças militares russas, no contexto da então denominada II Campanha Tchetchena

3. "Most Islamist terrorist attacks in Russia have been carried out by people from the North Caucasus republics, where an insurgency has raged since the Chechen Wars of the 1990s and 2000s" (ROTHWELL; OLIPHANT, 2017).

(1999-2009). À época, o emprego do exército russo na região fora autorizado pelo então novo – e desconhecido pela maioria – presidente Vladimir Putin, que assume o governo em 2000 após inesperada renúncia de seu antecessor. Ao presidente, de acordo com a Constituição da Federação Russa (1993, Art. 80, §2), é atribuído o papel de defender a soberania do país, adotando as medidas necessárias para assegurar sua independência e integridade territorial.



Figura I: Tchetchênia e Daguestão

FONTE: The Washington Post, 2013.

Baseando-se em tais responsabilidades, um dos objetivos centrais de Putin constituía trazer estabilidade interna para a Rússia, readquirindo o controle federal sobre as regiões que abrigavam movimentos separatistas radicais. Neste contexto, durante os embates envolvendo a “II Campanha Tchetchena” (1999-2009), as forças militares russas viram-se diante de um persistente inimigo interno, contra o qual lutaria por quase uma década.

Naquele tempo, contudo, os apelos de Moscou à comunidade internacional em busca de solidariedade quanto à campanha militar russa na Tchetchênia não eram ouvidos, ou, na melhor das hipóteses, eram enxergados de forma ambígua por alguns países (GONZÁLEZ, 2013, p.15). Segundo o presidente Putin, tal desinteresse por parte dos demais países ocorria por razões geopolíticas, uma vez que as potências Ocidentais ansiavam por um eventual desmembramento da Federação Russa, a exemplo do que acontecera com a União Soviética.

Basta observarmos a seguinte declaração de Putin, em entrevista ao jornal alemão Bild

Para nós era óbvio que o terrorismo internacional também era usado como um meio de lutar contra a Rússia, enquanto todos ou faziam vista grossa sobre isso ou forneciam apoio a terroristas: refiro-me a informações, apoio político, financeiro ou, em alguns casos, até mesmo apoio armado aos atores que lutavam contra o Estado russo (PUTIN, 2016; tradução e grifo nossos).⁴

Ainda quanto à percepção russa relativa ao uso do terrorismo como ferramenta por parte de potências estrangeiras, Putin (2017; tradução nossa), em entrevista ao diretor americano Oliver Stone, observará que “[...] nossos parceiros americanos falavam em apoio à Rússia [...] inclusive na luta contra o terrorismo, mas na verdade usam esses mesmos terroristas para desestabilizar a situação política interna na Rússia” (PUTIN, 2017, tradução nossa).⁵ À época, a principal consequência advinda de uma continuada luta separatista no Cáucaso, segundo Putin, seria a Rússia deixar de existir em suas atuais fronteiras.

Contudo, esta situação não duraria por muito tempo. Após os ataques de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas nos Estados Unidos, a Rússia finalmente se viu aliada ao Ocidente no combate ao terrorismo internacional (ZHEBIT, 2003, p. 166). Após os ataques, a aprovação Ocidental, ou no mínimo a não-condenação, às invectivas militares russas contra grupos separatistas locais na Tchetchênia relaxou a pressão internacional sobre Moscou. Por um breve período, observa Zhebit (2003, p.171), a Rússia tornar-se-ia “um dos mais importantes aliados dos Estados Unidos na guerra internacional contra o terrorismo”.

Como símbolo desta aliança, a Rússia consentiu com o estacionamento de tropas da OTAN na Ásia Central, território historicamente pertencente à sua zona de influência, para o combate ao terrorismo. Dugin (2016), por seu turno, avalia da seguinte forma o consentimento do presidente russo com relação à presença mili-

4. “For us it was an obvious fact that the international terrorism was also used as a means of fighting against Russia, while everyone either turned a blind eye on that or provided support to terrorists: I refer to political, information, financial or in some cases even armed support to the actors fighting against the Russian state” (PUTIN, 2016).

5. “[...] nashi partnery amerikanskiye na slovakh govoryat o podderzhke Rossii, govoryat o gotovnosti k sotrudnichestvu, v tom chisle v bor’be s terrorizmom, a na samom dele ispol’zuyut etikh terroristov dlya raskachki vnutripoliticheskoy situatsii v Rossii” (PUTIN, 2017).

tar americana na Ásia Central: “Putin provavelmente calculou que o Islã radical dos talibãs era uma ameaça substancial para a Rússia e os países da Ásia Central [...] e que uma invasão americana em tal situação seria um golpe contra aquelas forças que causavam o desagrado da Rússia” (DUGIN, 2016). Tal concessão geopolítica por parte da Rússia, assentindo ao estacionamento temporário de tropas estrangeiras numa região considerada como sendo sua zona de influência, seria impensável nos tempos da Guerra Fria.

Zhebit (2003, p. 171) considera ainda que a inclusão da Rússia na coalização liderada pelos EUA contra o terrorismo internacional coincidia com os objetivos estratégicos de Moscou, sobretudo quanto à importância no combate ao fundamentalismo islâmico que, como o exemplo da situação no Cáucaso demonstrava, atentava contra sua própria segurança interna e integridade territorial. Tal cooperação, portanto, fora instrumental para Moscou que obteve a qualificação por parte dos Estados Unidos de grupos separatistas tchetchenos como elementos terroristas internacionais (ZHEBIT, 2003, p. 171). A importância de se obter a classificação por parte da comunidade internacional de um grupo opositor (especialmente separatista) dentro do país enquanto um “grupo terrorista” não é negligenciável. A este respeito, observa Hoffman (1998; tradução nossa) “Se uma das partes conseguir atribuir com êxito o rótulo de terrorista a seu oponente, então, esta parte terá indiretamente persuadido os outros a adotar o seu ponto de vista moral” (HOFFMAN, 1998, tradução nossa).⁶ De acordo com este entendimento, a tentativa de Moscou em atrelar o rótulo de “terrorista” aos grupos separatistas tchechenos teria importante significado, pois persuadiria a comunidade internacional a adotar o mesmo juízo de valor empregado pelo Kremlin com relação a “mocinhos” e “bandidos”. Afinal, aponta Whittaker citado por Visacro (2009) terrorismo “não é um termo descritivo neutro [...] é um rótulo político [...] ao mesmo tempo em que oferece um julgamento moral” (WHITTAKER apud VISACRO, 2009, p.283).

Os militares russos, por fim, após quase uma década de combates, venceram a guerra contra os separatistas, concluindo a II Campanha Tchetchena (1999-2009), estabelecendo um governo local pró-Moscou e preservando a integridade territorial da Federação Russa.

6. “If one party can successfully attach the label terrorist to its opponent, then it has indirectly persuaded others to adopt its moral viewpoint” (HOFFMAN, 1998).

Para Dugin (2016), os resultados geopolíticos da vitória militar russa representaram o encerramento das aspirações separatistas no Norte do Cáucaso, assim como a preservação da integridade territorial do país. Caso os separatistas tivessem vencido, avalia Dugin (2016), tal resultado “poderia significar o começo do impetuoso colapso da Rússia”, servindo de exemplo para outras regiões islâmicas (como o Daguestão), culminando na desintegração do país⁷.

Um ano após a conclusão da II Campanha Tchetchena, a Doutrina Militar (DM) da Federação Russa (aprovada em 2010) passou a considerar o terrorismo como uma das possíveis ameaças militares ao Estado. De acordo com o documento, uma “ameaça militar” à Rússia poderia advir de: a) um Estado (ou grupo de Estados); ou b) organizações separatistas (terroristas) capazes de se utilizar de meios militares (violência armada) para atingir seus fins (DOCTRINA MILITAR, 2010, I.6.c). Quanto ao segundo ponto, destaca-se que o fato de que o termo “terroristas” aparece entre parênteses alinhado à expressão “organizações separatistas”, indicando que, segundo o olhar de Moscou, aspirações separatistas apoiadas por grupos radicais armados (à guisa do ocorrido na Tchetchênia) serão encaradas como iniciativas de caráter terrorista, o que permite ao Estado a utilização de todos os meios disponíveis (assim como a justificativa) para o seu enfrentamento.

Em suma, no começo dos anos 2000 a Rússia enxergou o terrorismo doméstico, executado em muitos casos por rebeldes separatistas tchetchenos, como uma ferramenta ao mesmo tempo utilizada por potências estrangeiras no intuito de desestabilizar a situação política do país, comprometendo sua integridade territorial e soberania. De acordo com documentos oficiais do governo russo, e declarações de seu chefe de Estado (na pessoa de Vladimir Putin), torna-se claro que, conforme interpretação de Moscou, o combate ao terrorismo doméstico no âmbito principalmente da II Campanha Tchetchena, representou não somente a eliminação dos terroristas e separatistas na região, mas sim a eliminação das tentativas por parte de atores externos de provocar mudanças geopolíticas significativas dentro da Federação Russa.

7. Em 2009, através de pesquisa de opinião elaborada pelo instituto Levada, perguntados se “você acha que a segunda campanha [guerra] tchetchena atingiu seu objetivo ou foi um insucesso considerando sua violência e perdas?”, 50% dos entrevistados considerou que “as metas da guerra foram parcialmente atingidas, mas a ameaça de revoltas no Cáucaso continua presente”; em 2015, este percentual caiu para 40% (LEVADA, 2016, p. 248).

Esforços na ásia central

A Ásia Central é composta por Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turquemenistão e Uzbequistão, incluindo ainda parte dos territórios de outros seis países: Afeganistão, China, Índia, Irão, Mongólia, Paquistão e a própria Rússia. Historicamente a região faz parte do que pode ser considerada como uma zona de influência russa (a princípio no contexto do Império Russo e posteriormente como repúblicas pertencentes à União Soviética), cujos povos são de maioria muçulmana.

Problemas, portanto, de radicalização e extremismo religioso dentro da região acarretariam consequências também para a Rússia, à qual não possui regime de visto (em diferentes graus) com muitos de seus países⁸. Em reforço a este ponto, segundo comitê investigativo, o atentado terrorista mais recente ocorrido na Rússia, de abril de 2017 num metrô de São Petersburgo, fora executado por Akbarzhon Jalilov (de 22 anos), cidadão russo nascido no Quirguistão, antiga república soviética de maioria muçulmana (THE TELEGRAPH, 2017). Apesar de conexões entre Jalilov e grupos extremistas islâmicos não ter sido confirmada por autoridades russas (THE TELEGRAPH, 2017), o incidente demonstra que, em caso de indivíduos originários da Ásia Central - residentes na Rússia - simpatizarem com movimentos extremistas islâmicos de caráter terrorista, tal situação pode incorrer, no limite, à potencial execução de atentados no país.

Com o fito, portanto, de auxiliar no combate a radicalização (e outros problemas) em países de seu entorno, Moscou recorreu à criação de - e participação em - instituições multilaterais juntamente aos países Centro-Asiáticos, como é o caso da Organização de Cooperação de Xangai (OCX) e a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), fundadas em 2001 e 2002 respectivamente. Em relação a primeira, que conta com a participação de China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Uzbequistão, Índia e Paquistão⁹, encontram-se os objetivos de preservar e garantir a paz, a segurança e a *estabilidade regionais* (ORGANIZAÇÃO COOPERAÇÃO XANGAI, 2001; Art 1º).

8. Incluindo Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Uzbequistão e Mongólia.

9. Índia e Paquistão juntaram-se à OCX em junho de 2017, representando a primeira expansão da organização desde sua fundação, em 2001.



Figura 2: Logotipos da OTSC (esquerda) e OCX (direita)

FONTE: Financial Tribune, 2017.

Para atingir tais objetivos, conforme expresso em sua Carta Constitutiva, a OCX (2001, Art.1º e 3º) considera enquanto inerente às suas atribuições a luta contra o *terrorismo, separatismo e extremismo* em todas as suas manifestações. Para Adam (2011, p.64), a questão do fundamentalismo radical islâmico (relacionado à questão do extremismo mencionado nos Artigos 1º e 3º da OCX) não poderia ser enfrentada isoladamente pela Rússia, à qual, por seu turno, privilegiou a China como sua principal parceira no combate a este fenômeno na região da Ásia Central. Por outro lado, o fato de os chineses enfrentarem problemas com a ameaça do fundamentalismo islâmico em seu próprio território (mais especificamente na província de Xingiang), também fez com que Pequim tivesse interesse em agir conjuntamente com a Rússia nesta questão (ADAM, 2011, p. 64).

Entretanto, mais do que o papel referente à luta contra o terrorismo, a OCX também desempenharia importante função geopolítica na Ásia Central, a saber, defendendo: 1) a manutenção dos governos regionais e 2) constringendo a ação de atores “externos” à região. Com relação ao primeiro ponto, a OCX manifestaria clara preferência pela continuidade política denunciando quaisquer atitudes que possam levar à instabilidade no interior de seus países-membro, posição esta que alinha-se aos interesses russos, legitimando governos pró-Moscou na Ásia Central (FROST, 2009, p. 95-96).

Com relação ao segundo ponto, Frost (2009, p. 97) chama a atenção para o resultado obtido durante a cúpula da OCX de 2005 (realizada em Astana, no Cazaquistão), em que os países-membro, através de declaração conjunta de seus Chefes de Estado, pressionava-

ram a coalizção antiterrorista internacional (liderada pelos EUA) a definirem uma “data-limite” para a retirada de suas tropas da Ásia Central. A declaração, por seu turno, coincidia com os interesses geopolíticos de Moscou que, apesar de ter consentido em 2001 com o estabelecimento de tropas americanas no Afeganistão, enxergava tal situação como temporária (THE MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE RUSSIAN FEDERATION, 2005) e não como aquiescência à presença militar permanente de um ator “externo” numa região considerada como sua zona de influência¹⁰. Não obstante, a participação de outra Grande Potência neste fórum, a saber, a China, possui grande importância para Moscou, uma vez que, nas palavras de Mazat e Serrano (2012, p. 27) “a Rússia considera que a China pode ajudá-la na sua resistência às ambições geopolíticas dos Estados Unidos tanto na Europa Oriental quanto no Cáucaso ou na Ásia Central”.

Já a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), lançada em 2002, conta com a participação de: Rússia, Bielorrússia, Armênia, Cazaquistão, Quirguistão, Uzbequistão e Tadjiquistão. Com o Secretariado localizado em Moscou (ORGANIZAÇÃO TRATADO SEGURANÇA COLETIVA, 2002, Art. 28º), o OTSC tem como objetivos o aprofundamento da cooperação política e militar entre os Estados-membro, com vistas a promover o fortalecimento da segurança nacional, regional e internacional (OTSC, 2002, Prólogo). Os países deverão, ademais, coordenar-se no combate ao terrorismo e suas causas, o qual, no entendimento da organização, representa uma ameaça não somente à população, mas também à segurança e à existência do próprio Estado (OTSC, 2002, Art. 8º). Frost (2009, p.86) aponta que por conta justamente da preocupação de Moscou quanto a questões da segurança, as tropas da OTSC foram submetidas ao controle russo desde 2002, quando da execução dos primeiros exercícios antiterrorismo da organização. Não obstante, em 2009, os membros da OTSC formariam a Força Coletiva de Reação Rápida, destacamento militar voltado principalmente para ações de contraterrorismo, composto por tropas dos Estados-membro. Tais tropas, no entanto, encontrar-se-iam também

10. Forças americanas estiveram estacionadas no Afeganistão entre 2001 e 2014, como parte dos esforços de combate ao terrorismo naquele país, sob o codinome Operation Enduring Freedom (Operação Liberdade Duradoura). Entretanto, quando da retirada das tropas americanas em 2014 (sob os auspícios do presidente Barack Obama), a situação de instabilidade política no Afeganistão tornou-se novamente fator de preocupação para Moscou, sobretudo quanto ao ressurgimento de movimentos radicais islâmicos nos territórios desocupados, os quais poderiam alastrar-se para os demais países da Ásia Central (GONZÁLEZ, 2013, p. 19).

sob controle russo, uma vez que supridas por armamentos e pessoal militar treinado por instituições russas (FROST, 2009, p.86-87).

Além da execução de exercícios antiterrorismo periódicos e a criação de um destacamento militar cuja principal função seriam ações de contraterrorismo, a OTSC conta com uma especificidade que a torna especialmente importante do ponto de vista da segurança regional, a saber, um mecanismo de segurança coletiva (análogo ao da OTAN) para os casos de ameaça à estabilidade, soberania e integridade territorial dos países-membro (ORGANIZAÇÃO TRATADO SEGURANÇA COLETIVA, 2002, Art. 3º). A Rússia, como a potência militar mais proeminente da região, visaria projetar-se como garantidora da estabilidade na Ásia Central, fornecendo segurança aos governos locais, não somente com relação a ameaças terroristas, mas também quanto a ameaças oriundas de outros Estados.

Deste modo, os objetivos de Moscou com relação à região no âmbito do OTSC são: a) elevar a posição da Rússia à de um “polo de poder e influência regional” e b) manter a estabilidade de regimes políticos amistosos (FROST, 2009, p. 85). Buzan e Waeber (2003, p. 403) observam, por exemplo, que as repúblicas centro-asiáticas são tão frágeis politicamente que ameaças (de qualquer natureza) à segurança de um dos regimes levariam a uma crise governamental generalizada e, no limite, até mesma à uma guerra civil. Em suma, a **Rússia**, ao mesmo tempo em que oferece segurança aos governos locais contra possíveis atentados terroristas, procura projetar-se como garantidora da estabilidade regional, através de iniciativas multilaterais como o OTSC e o OCX (ADAM, 2012, p. 77).

Para a Rússia, portanto, a coordenação junto aos países da Ásia Central no combate ao terrorismo vem acompanhada de um importante papel geopolítico que, por um lado objetiva constri-ger a operação de atores “externos” na região (como manifestada pela Declaração de Astana de 2005 da OCX, que contou com a participação da China), e por outro garantir a segurança destes países (seja contra ameaças Estatais ou terroristas), com o fito de manter os governos locais sob a órbita de Moscou, apregoando a defesa de princípios como estabilidade política e soberania.

Síria, enfrentando os terroristas “longe de casa”

O início da guerra civil síria se dá em março de 2011, quando protestos de caráter pacífico contra a falta de liberdade, problemas

econômicos e repressão governamental iniciam-se em diversas regiões do país, no contexto da então denominada “Primavera Árabe”. O governo de Bashar Al-Assad, por seu turno, responde através das Forças Armadas sírias, oprimindo as manifestações e aprisionando parte dos envolvidos. Neste ínterim, grupos paramilitares de oposição e extremistas religiosos insurgiram-se contra o governo, iniciando uma disputa que levaria, quase sete anos depois, à mais de 460 mil mortos, 1 milhão de feridos e cerca de 12 milhões de pessoas deslocadas ou refugiadas ao redor do mundo.

Um ano após o início da guerra civil, em fevereiro de 2012, a Rússia (juntamente com a China) barrou - através de veto - uma proposta de resolução ao Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSONU) elaborada pela Liga dos Estados Árabes referente a uma transição política na Síria. Em seu conteúdo, a resolução demandava que o governo sírio retirasse suas forças militares de cidades e vilarejos ao longo do país, assim como solicitava a condução de um “inclusivo processo político” com o fito de facilitar uma “transição democrática do poder”.

Rússia e China, na ocasião, entenderam que a resolução se tratava de uma potencial violação da soberania síria, a abrir caminho para uma intervenção militar estrangeira e mudança de regime no país (THE GUARDIAN, 2012). Pouco tempo antes da votação, o então presidente americano Barack Obama solicitara que Bashar Al-Assad deixasse o poder, por falta de “legitimidade” perante sua população e a comunidade internacional (THE GUARDIAN, 2012). Comentando a respeito do veto, o representante russo na ONU diria que “Desde o início da crise síria, alguns membros influentes da comunidade internacional prejudicaram qualquer possibilidade de um acordo político, exigindo mudanças de regime, incentivando a oposição, induzindo provocações e criando a luta armada” (CHURKIN, 2012, tradução nossa).¹¹

A questão de uma mudança de regime na Síria provocada por pressões externas e não por decisão das próprias forças políticas dentro do país seria um dos pontos recorrentes no discurso de Moscou com respeito ao tema. A posição da Rússia em relação à crise síria demonstraria o receio quanto a uma (assim interpretada) intervenção

11. “From the very beginning of the Syrian crisis some influential members of the international community have undermined any possibility of a political settlement, calling for regime change, encouraging the opposition towards power, indulging in provocation and nurturing the armed struggle” (CHURKIN, 2012).

Ocidental em assuntos soberanos de outro Estado, intervenção esta que viria sob a justificativa da defesa de um “processo de transição politicamente inclusivo e democrático do poder”. Estabelecida a paralisia no CSONU quanto à resolução da crise e com a situação política agravada pela guerra civil e o confronto entre facções rivais pelo poder na Síria, uma nova organização terrorista, desta vez o Estado Islâmico (EI), ganharia força, recrutando cada vez mais militantes e controlando boa parte do território do país.

Em 2015, com o regime de Bashar Al-Assad prestes a ser deslocado definitivamente do poder, uma intervenção por parte da força aérea russa iniciava o movimento que, não somente daria novo fôlego às forças de Assad, como também colocava a Rússia de volta no jogo das Grandes Potências em atuação no Oriente Médio. A intervenção, autorizada pelo presidente Putin em 2015, viria sob a justificativa da defesa dos cidadãos russos da ameaça representada por uma eventual vitória do EI na Síria¹². O combate ao terrorismo internacional passava, então, a ganhar uma nova dimensão para o país. Ao final de 2015, em discurso à Assembleia Federal, Putin assim justificaria a atuação russa no conflito sírio

Um perigo especial para nós vem dos militantes que se concentram atualmente na Síria. Entre eles, há muitos cidadãos russos, dos países da CEI [Comunidade dos Estados Independentes] [...] se eles ficarem mais fortes, eles serão vitoriosos lá, então inevitavelmente vão aparecer à nossa volta para semear o medo e o ódio, explodir, matar, atormentar as pessoas. *Somos obrigados a encontrá-los e destruí-los longe de casa.* [...] na Síria, nossas Forças Armadas estarão lutando principalmente pela Rússia, defendendo a segurança de nossos cidadãos (PUTIN, 2015; tradução e grifo nossos)¹³.

A respeito de números, Putin (2018) mencionaria que em torno de 2500 cidadãos russos e 4500 cidadãos de países com os quais a Rússia não possui regime de visto uniram-se às formações terroristas do EI e Jabhat al Nusra na Síria. Não obstante, Putin (2018) apontou que a desintegração do Estado sírio poderia levar ao surgi-

12. Em 2014, perguntados se o EI constituía uma ameaça regional e internacional à segurança dos países, 55% dos entrevistados responderam que “certamente” ou “provavelmente sim” (LEVADA, 2016, p. 321).

13. “Osobaya opasnost’ dlya nas iskhodit ot boyevikov, kotoryye skontsentrirovalis’ v Sirii. Sredi nikh nemalo vykhodtsev iz Rossii, iz stran SNG [...] yesli okrepnut, pobedyat tam, to neizbezhno okazhutsya u nas, chtoby seyat’ strakh i nenavist’, vzryvat’, ubivat’, muchit’ lyudey. I my obyazany vstretit’ ikh i unichtozhit’ na dal’nikh podstupakh [...] v Sirii nashi Vooruzhonnnye Sily srazhayutsya prezhde vsego za Rossiyu, otstaiyayut bezopasnost’ imenno nashikh grazhdan” (PUTIN, 2015).

mento de um enorme enclave terrorista no Oriente Médio, ameaçando inclusive outras regiões circunvizinhas. A respeito, por sua vez, da deposição de líderes ditatoriais por intermédio de potências estrangeiras, Putin (2017b), em entrevista ao diretor americano Oliver Stone, argumenta que uma tragédia ocorrera no Iraque e na Líbia justamente por conta da mudança de regimes naqueles países, acompanhada da liquidação de seus respectivos líderes.



Figura 3: Putin ao lado de Bashar Al-Assad, aliados no Oriente Médio
FONTE: The Telegraph, 2018.

Para Kissinger (2014, p. 104), que escreve um ano antes da intervenção, os objetivos da Rússia na região são estratégicos, com o intuito de “[...] evitar que os grupos jihadistas da Síria e do Iraque se espalhem e penetrem em seus próprios territórios muçulmanos e, numa escala mais global, para melhorar sua posição em relação à dos Estados Unidos”. Para os russos, por seu turno, quando perguntados em 2015 “quais seriam as metas do governo russo em sua cooperação à Bashar Al-Assad?”, as respostas mais selecionadas pelos entrevistados - em meio a algumas opções possíveis - foram “a proteção dos interesses russos no Oriente Médio, garantindo a segurança das companhias russas na região” (30%) e “o fortalecimento da posição da Rússia no mundo” (28%) (LEVADA, 2016, p. 324)¹⁴.

14. As demais opções eram “Impedir a disseminação do EI e do islamismo radical no mundo, defendendo as fronteiras do sul da Rússia” (22%), “Defender o último dos regimes pró-Rússia no Oriente Médio” (19%) (LEVADA, 2016, p. 324).

Os interesses da Rússia na região, contudo, vão muito além de questões econômicas. Em meados dos anos 1970, um acordo entre União Soviética e Síria permitiu com que a primeira se utilizasse de uma base naval em Tartus, com acesso à estratégica região do Mar Mediterrâneo. A União Soviética desapareceu, mas a Rússia tenta reconstruir Tartus como uma nova base naval, capaz de receber até mesmo os maiores navios nucleares russos (PECK, 2017). Um acordo (para os próximos 49 anos) assinado em 2016 entre Rússia e Síria prevê que “o número máximo de navios de guerra russos a serem permitidos nas instalações navais de uma só vez é de 11, incluindo navios de guerra movidos a energia nuclear, desde que as regras de segurança nuclear e ecológica sejam observadas” (RT apud PECK, 2017; tradução nossa)¹⁵. Peck (2017) enumera ainda outras vantagens referentes ao acordo como: 1) a indicação de que submarinos nucleares russos poderão também ser alocados em Tartus; 2) a Rússia será a responsável pela defesa aérea e marítima da base, principalmente contra ataques por parte de rebeldes e 3) as atividades militares russas na base naval não poderão ser restringidas pela autoridades sírias.

Já quanto ao fortalecimento da posição da Rússia no mundo, a intervenção da força aérea russa no conflito sírio, iniciada no outono de 2015, pode ser enxergada como um eco distante das campanhas militares empregadas pela União Soviética no exterior na defesa de seus interesses (TRENIN, 2016, p. 24). Para Lipman (2016, p. 44), em nenhum outro momento desde o colapso da União Soviética o povo russo se sentiu tão orgulhoso de seu poder militar e de sua influência nos assuntos globais. Ainda em 2015, 68% dos russos sentiam-se (“de alguma forma” ou “muito”) orgulhosos da influência política da Rússia no mundo, enquanto que 85 % sentiam-se (“de alguma forma” ou “muito”) orgulhosos das forças armadas do país (LEVADA, 2016, p.42). Putin, por fim, parece ter demonstrado que a Rússia ainda é capaz de projetar poder além de suas cercanias (THAROOR, 2017).

Considerações finais

A questão do combate ao terrorismo na Rússia, que no âmbito doméstico esteve relacionada a movimentos separatistas na região

15. “The maximum number of the Russian warships allowed at the Russian naval facility at one time is 11, including nuclear-powered warships, providing that nuclear and ecological security rules are observed” (RT apud PECK, 2017).

norte do Cáucaso, foi enxergada como uma luta pela defesa de sua integridade territorial e estabilidade política domésticas, ameaçadas por parte de potências estrangeiras, às quais utilizar-se-iam do terrorismo como ferramenta para atingir objetivos escusos, sobretudo a desintegração da Federação Russa. Já na Ásia Central, Moscou engajou-se em organizações multilaterais junto aos países da região (como a OTSC e a OCX), conclamando seus Estados-membro à coordenarem-se no combate ao terrorismo internacional; não obstante, estas mesmas organizações também desempenhariam o papel de limitar a atuação de atores “externos” na região, ao mesmo tempo em que promoveriam a estabilidade política de governos locais, em troca de promessas de segurança e cooperação, mantendo-os, com isto, sob a órbita de Moscou.

No Oriente Médio, a atuação russa no conflito sírio, sob o pretexto de combater o terrorismo islâmico longe de suas fronteiras, vem ao mesmo tempo acompanhada da defesa de seus interesses geoestratégicos específicos na região, como a operação de importante base naval em Tartus. Opondo-se a uma suposta interferência ocidental em assuntos internos na Síria, o que envolveria a destituição de Bashar Al-Assad do poder, a Rússia, através da intervenção de suas forças armadas no conflito, recriaria sua autoimagem enquanto Grande Potência, capaz de atuar até mesmo longe de suas fronteiras. Todavia, em função de seu conturbado histórico enquanto alvo de inúmeros ataques durante os anos 1990 e 2000, a Rússia precisará continuar sua luta contra o problema do terrorismo, independentemente da natureza de seus interesses acompanhados, ou do papel que o país voltou a desempenhar no jogo das Grandes Potências.

Referências

ADAM, Gabriel Pessin. A Rússia como Grande Potência e a Parceria Estratégica com a China. In: ALVES, Andre Augusto De Miranda Pinelli (org.) **Rússia no Século XXI: O Renascimento de uma Potência?** p. 51-96. Brasília: IPEA, 2012.

ADAM, Gabriel Pessin. **A Rússia e os Países da Comunidade dos Estados Independentes no Início do Século XXI.** In: ALVES, André Augusto De Miranda Pinelli (org.). Uma Longa Transição: Vinte Anos de Transformações na Rússia. p. 39-80. Brasília: IPEA, 2011.

BRASIL. **Lei Nº 13.260.** Brasília: Congresso Nacional, 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13260.htm>. Acesso em: 12 abr. 2018.

BUZAN, Barry. WAEVER, Ole. **Regions and Powers: The Structure of International Security**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.

CHURKIN, Vitaly Ivanovich. **United Nations Security Council Meeting Record**. New York: 2012. Disponível em: <http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/PV.6711>. Acesso em: 20 mar. 2018.

DUGIN, Alexandr. Geopolítica da Rússia Contemporânea. Lisboa: **Instituto de Altos Estudos em Geopolítica e Estudos Auxiliares**, 2016.

FROST, Alexander. The Collective Security Treaty Organization, the Shanghai Cooperation Organization, and Russia's Strategic Goals in Central Asia. **Central Asia-Caucasus Institute and Silk Road Studies Program: China and Eurasia Forum Quarterly**, Volume 7, No. 3. p. 83-102. 2009.

GONZÁLEZ, Francisco J. Ruiz. The Foreign Policy Concept of The Russian Federation: A Comparative Study. Madrid: **Instituto Espanhol de Estudos Estratégicos**, 2013.

GLOBAL TERRORISM DATABASE, 2017. Disponível em: <<https://www.start.umd.edu/gtd/>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

HOFFMAN, Bruce. Inside Terrorism. **The New York Times**, 1998. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/books/first/h/hoffman-terrorism.html>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

KISSINGER, Henry. Ordem Mundial. Rio de Janeiro: **Objetiva**, 2014.

KLEIN, Margarete. Russia's Military Capabilities. Berlin: **SWP Research Paper**, 2009.

LEVADA ANALYTICAL CENTER. **Russian Public Opinion 2013-2015**. Moscou: 2016, p. 365. Disponível em: <<http://www.levada.ru/cp/wp-content/uploads/2016/01/2013-2015-Eng1.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

LIPMAN, Maria. How Putin Silences Dissent: Inside the Kremlin's Crackdown. **Foreign Affairs**, Estados Unidos, v.95, n.3, p.38-46, maio /jun. 2016.

MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. A Geopolítica Da Federação Russa em Relação aos Estados Unidos e à Europa: Vulnerabilidade, Cooperação e Conflito. In: ALVES, Andre Augusto De Miranda Pinelli (org.) **Rússia no Século XXI: O Renascimento de uma Potência?** Brasília: IPEA, p. 9-50, 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, The United Nations Global Counter-Terrorism Strategy: Plan of Action to Prevent Violent Extremism. **United Nations General Assembly**: 2015. Disponível em: < http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/70/674>. Acesso em: 12 abr. 2018.

PECK, Michael. How Russia Is Turning Syria into a Major Naval Base for Nuclear Warships (and Israel Is Worried). **The National Interest**, 2017. Disponível em: <<http://nationalinterest.org/blog/the-buzz/how-russia-turning-syria-major-naval-base-nuclear-warships-19813>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

PUTIN, Vladimir Vladimirovitch. **Poslaniye Prezidenta Federal'nomu Sobraniyu** [Discurso do Presidente à Assembleia Federal]. Kremlin: 2015. Disponível em: <<http://kremlin.ru/events/president/news/50864>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

PUTIN, Vladimir Vladimirovitch. **Interview to German newspaper Bild. Part 1.** Bild: 2016. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/51154>>. Acesso em: 17 maio 2017.

PUTIN, Vladimir Vladimirovitch. **My Ne Khotim, Chtoby V Sirii Proizoshel Liviyskiy Stsenariy** [Nós Não Queremos que na Síria Ocorra o Mesmo Cenário Líbio]. Showtime: 2017b. Russian View. Disponível em: < <http://www.russian-view.com/ru/article/283/>> Acesso em: 12 abr. 2018.

PUTIN, Vladimir Vladimirovitch. **Putin i Stoun Pogovorili o NATO, SSHA i Terrorizme** [Putin e Stone conversaram sobre OTAN, EUA e Terrorismo]. Showtime: 2017a. Disponível em: < <http://www.ntv.ru/novosti/1819282/>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

PUTIN, Vladimir Vladimirovitch. **Soloviev's Exclusive Interview With President Putin** - The New World Order and Russia's Place in It. Vesti News: 2018. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=bWoIE1CWYbQ&t=1721s&has_verified=1>. Acesso em: 12 abr. 2018.

ROTHWELL, James; OLIPHANT, Roland. Who is St Petersburg bombing suspect Akbarzhon Jalilov? **The Telegraph**: 2017. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/2017/04/04/st-petersburg-bombing-suspectakbarzhon-jalilov/>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

RUSSIA. **Constituição da Federação Russa**. Moscou: 1993. Disponível em: <<http://www.constitution.ru/en/10003000-05.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

RUSSIA. **Federal'nyy Zakon O Protivodeystvii Terrorizmu** [Lei Federal Sobre o Combate ao Terrorismo]. Sovet Federatsii: Moskva, 2006. Disponível em: <<http://pravo.gov.ru/proxy/ips/?docbody=&nd=102105192>> Acesso em: 27.nov.2017

RUSSIA. **National Security Concept of The Russian Federation**. Moscow, 2000. Disponível em: <http://www.mid.ru/en/foreign_policy/official_documents/-/asset_publisher/CptlCk8B6Z29/content/id/589768>. Acesso em: 12 abr. 2018.

RUSSIA. **The Foreign Policy Concept of The Russian Federation**. Moscou: 2000. Disponível em: <<http://fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/econcept.htm>> Acesso em: 29 nov.2016.

RUSSIA. **The Military Doctrine of The Russian Federation**. Moscou: 2010. Disponível em: <http://carnegieendowment.org/files/2010russia_military_doctrine.pdf> Acesso em: 12 abr. 2018.

SHANGHAI COOPERATION ORGANIZATION. **Declaration on Establishment of SCO**. Shanghai: 2001. Disponível em: <http://www.chinadaily.com.cn/china/2006-06/12/content_6020343.htm>. Acesso em: 12 abr. 2014.

SHANGHAI COOPERATION ORGANIZATION. **Charter of**. Disponível em:< <http://people.unica.it/annamariabaldussi/files/2015/04/SCO-Charter.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2017.

THAROOR, Ishaan. **PutinisoutplayingTrumpintheMiddleEast**. The Washington Post: 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2017/12/12/putin-is-outplaying-trump-in-the-middle-east/?noredirect-on&utm_term=.c063ff5057f>. Acesso em: 12 abr. 2018.

THE COLLECTIVE SECURITY TREATY ORGANIZATION. **Charter of**. Disponível em: <http://www.odkb-csto.org/documents/detail.php?ELEMENT_ID=1896>. Acesso em: 7 nov. 2016.

THE GUARDIAN. **Syria resolution vetoed by Russia and China at United Nations**. United Kingdom, 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2012/feb/04/assad-obama-resign-un-resolution>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

THE MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE RUSSIAN FEDERATION. **Russian MFA Information and Press Department Commentary Regarding Certain Remarks by US JCS Chairman Richard Myers**. Moscou: 2005. Disponível em: <http://www.mid.ru/en/sanhajskaa-organizacia-sotrudnicestva-sos-/-/asset_publisher/0vP3hQoCPRg5/content/id/432356>. Acesso em: 12 abr. 2018.

THE TELEGRAPH. **Who is St Petersburg bombing suspect Akbarzhon Jalilov?** United Kingdom.,2017. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/2017/04/04/st-petersburg-bombing-suspectakbarzhon-jalilov/>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

THE TELEGRAPH, **There Are Dangerous Lunatics on All Sides Of This Syrian Mess**. What Are They Getting Us Into? United Kingdom, 2018. Disponível em: < <https://www.telegraph.co.uk/news/2018/04/14/dangerous-lunatics-sides-syrian-mess-getting-us/>> Acesso em: 12 abr. 2018.

TRENIN, Dmitri. The Revival of the Russian Military: How Moscow Reloaded. **Foreign Affairs**. Estados Unidos, v.95, n.3, p.23-29, maio /jun.2016.

UNIVERSITY OF MARYLAND. **Global Terrorism Database**. Disponível em: <<http://www.start.umd.edu/gtd/>>. Acesso em: 07 maio 2017.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular: Terrorismo, Guerrilha e Movimentos de Resistência ao Longo da História**. Brasil: Editora Contexto, 2009.

ZHEBIT, Alexander. A Rússia na Ordem Mundial: com o Ocidente, com o Oriente ou um Pólo Autônomo em um Mundo Multipolar? **Revista Brasileira de Política Internacional**; Rio de Janeiro: 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v46n1/a08v46n1.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

Recebido em: 22/10/2017

Aprovado em: 21/02/2018